

RESSALVA

Atendendo solicitação do(a) autor(a), o texto completo desta dissertação será disponibilizado somente a partir de 29/01/2018.

BARBARA LAIS FALCÃO DA SILVA CAÇÃO

TEMPOS DE BARBANTE:

Declínio e revitalização da literatura de cordel.

Da Primeira República à contemporaneidade

ASSIS
2016

BARBARA LAIS FALCÃO DA SILVA CAÇÃO

TEMPOS DE BARBANTE:

Declínio e revitalização da literatura de cordel.

Da Primeira República à contemporaneidade

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis
– UNESP – Universidade Estadual Paulista para a obtenção do
título de Mestra em Letras. (Área de conhecimento: Literatura e
Vida Social).

Orientador: Dr. Francisco Claudio Alves Marques

ASSIS
2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – Unesp

C118t Cação, Barbara Lais Falcão da Silva
Tempos de barbante: declínio e revitalização da literatura de
cordel. Da Primeira República à contemporaneidade / Barbara
Lais Falcão da Silva. - Assis, 2016.

115 f.

Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras
de Assis – Universidade Estadual Paulista.

Orientador: Dr. Francisco Claudio Alves Marques

1. Literatura de cordel. 2. Cultura popular - Brasil. 3. Silva,
Gonçalo Ferreira da. 4. Barros, Leandro Gomes, 1865-1918. 4.
Cavalcante, Rodolfo Coelho, 1919-1986. I. Título.

CDD 398.5

Para meu pai, o homem que venceu todas as corridas de saco...

AGRADECIMENTOS

Para os agradecimentos, pretendo salientar que apesar de não conseguir nomear todas as pessoas que contribuíram para a elaboração deste trabalho, deixo o meu “obrigada” aos colegas, funcionários e professores que dividiram comigo a sua sabedoria e trouxeram elementos enriquecedores para as considerações feitas aqui.

Não posso deixar de agradecer ao meu orientador Dr. Francisco Claudio Alves Marques por ter sido um mentor generoso desde a iniciação científica e por ter me apresentado o encantador universo da literatura de cordel, as suas particularidades e a contribuição cultural enorme dada pelas formas populares de expressão artística. Agradeço também por ter sido paciente comigo nos momentos em que mais precisei e por ter me auxiliado desde a escolha do *corpus* até à abordagem teórica mais contundente. Quem o conhece sabe da sua capacidade, inteligência, repertório e não menos importante, da sua generosidade e disposição em dividir o seu conhecimento com os alunos e colegas. A ele, enorme agradecimento.

Também gostaria de agradecer aos queridos professores de graduação e pós-graduação Dra. Gabriela Kvacek Betella e Dr. Rubens Pereira dos Santos que participaram da minha qualificação e trouxeram um olhar pontual sobre algumas questões levantadas pelo trabalho e dividiram comigo as suas ideias para que eu pudesse melhorar e acrescentar recursos importantes ao texto final e ao também muito querido, Dr. Esequiel Gomes da Silva por ter prontamente aceitado o convite do orientador para compor a banca de defesa e também por suas sugestões valiosas.

Ao querido poeta Gonçalo Ferreira da Silva pelo carinho e atenção que teve comigo nos poucos encontros que tivemos, ainda anteriores ao mestrado, mas que contribuíram em diversos aspectos para a realização desta pesquisa.

Agradeço também a CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) por ter fornecido recursos financeiros para que a pesquisa pudesse ser realizada.

Não posso deixar de mencionar o meu pai, Antonio Roberto Cação, grande incentivador de toda a minha vida escolar e acadêmica, que me deu todo o amor e compreensão que uma filha poderia querer, além de sempre ter contribuído financeiramente para que eu pudesse estudar, mesmo nos momentos mais complicados. Apesar de não poder dividir com ele a alegria de ter chegado à conclusão desta etapa, sigo grata a ele por ter chegado até aqui e por nos momentos mais difíceis ter encontrado forças na saudade e no senso de responsabilidade que ele me deixou de herança.

À minha mãe Daisy Cação por sempre me dar tranquilidade para a realização da pesquisa, além do amor incondicional que me dá todos os dias e que permitiu que eu pudesse dedicar tanto tempo dos meus dias à cultura popular e a esta dissertação.

Agradeço também ao meu irmão Marco Antonio Cação, cujos ouvidos sempre estiveram preparados para me ouvir falar um pouco mais sobre este longo percurso e também de cada nova referência que eu encontrava e me encantava neste universo cheio de particularidades da literatura de cordel, pelo auxílio na formatação que às vezes me tirava o sono, e pelo companheirismo de sempre, que nos une desde que fomos “apresentados”.

Também deixo meu agradecimento e meu carinho aos amigos e familiares que me apoiaram durante esse processo e de um jeito ou de outro, contribuíram para que eu chegasse até a conclusão do mestrado, que dividiram comigo a alegria dos primeiros contatos com a literatura de cordel e com a obra dos poetas Leandro Gomes de Barros e Gonçalo Ferreira da Silva desde a iniciação científica.

Para encerrar, gostaria de agradecer a Leonardo Pontes, meu namorado, por ter me proporcionado o primeiro contato com a ABLC, por ter me presenteado com meus primeiros cordéis, por ter tido calma para viver ao meu lado e por ter me mostrado que a cada dia podemos construir um pouco de felicidade.

CAÇÃO, Barbara Lais Falcão da Silva. **Tempos de Barbante: declínio e revitalização da literatura de cordel. Da Primeira República à contemporaneidade.** 115 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2016.

RESUMO

A partir da década de 1960, a produção de folhetos de cordel, como vinha sendo tradicionalmente praticada, sofre um considerável declínio, embora neste mesmo período poetas como Rodolfo Coelho Cavalcante ainda estejam produzindo, existe o receio de que o cordel brasileiro possa cair no ostracismo. Para evitar o desaparecimento dessa prática, alguns poetas populares começam a dar um tratamento distinto a seus folhetos, adotando temáticas de interesse mais geral e empregando certa erudição nas suas narrativas em versos, numa tentativa de atingir um público mais amplo, como é o caso de Gonçalo Ferreira da Silva, um dos principais mentores do processo de revitalização da Literatura de Cordel. O fato é que, no fim dos anos 70 e início dos anos 80, o interesse pela literatura de folhetos aumenta, principalmente por parte dos pesquisadores e do público acadêmico, cada vez mais interessado em entender aspectos da cultura popular brasileira. Para a compreensão do processo de declínio e revitalização da Literatura de Cordel, o presente trabalho se propõe a analisar alguns folhetos anteriores e posteriores à década de 1960, observando sempre as modificações de ordem técnica, contextual e temática. O *corpus* desse trabalho conta principalmente com folhetos pertencentes à produção dos poetas Leandro Gomes de Barros, pertencente à Primeira República, Rodolfo Coelho Cavalcante (situado em período intermediário) e Gonçalo Ferreira da Silva, nosso contemporâneo, com pequenas inserções de outros folhetos para ilustrar o processo de modificação da Literatura de Cordel ao longo de mais de 100 anos de produção.

Palavras-chave: Gonçalo Ferreira da Silva; Leandro Gomes de Barros; Rodolfo Coelho Cavalcante; Literatura de Cordel; Declínio; Revitalização.

CAÇÃO, Barbara Lais Falcão da Silva. **String Times: The fall and rise of cordel literature. From the first Republic to contemporaneity.** 115 f. Dissertation (Master's thesis in Language and Literature) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2016.

ABSTRACT

From 1960 the cordel leaflet production, as it was being traditionally made, suffers a considerable decline, although during this period poets like Rodolfo Coelho Cavalcante were still producing, the fear of Brazilian cordel might fall into ostracism already existed. In order to avoid the oblivion of this practice, some popular poets started to treat their leaflets differently, resorting to general interest, as well as exert slight erudition in their narratives in verse, in an attempt to reach a broader public, like Gonçalo Ferreira da Silva, one of the main mentors of the revival process of cordel literature. Surely, at the end of the 70s and at the beginning of the 80s, the interest for leaflet literature raises, especially from researchers and academic community, growing more interested in understanding the aspects of Brazilian popular culture. To understand the process of decline and revival of Cordel Literature, this paper proposes to analyze some leaflets from earlier and later 60s, always observing the modification regarding technique, context and theme. The *corpus* is composed mainly of leaflets belonging to the production from the poets Leandro Gomes de Barros, referring to the First Republic, Rodolfo Coelho Cavalcante (placed in-between period) and Gonçalo Ferreira da Silva, our contemporary, with small inserts of other leaflets to illustrate the process of modification of cordel literature along 100 years of production.

Key-words: Gonçalo Ferreira da Silva; Leandro Gomes de Barros; Rodolfo Coelho Cavalcante; Cordel Literature; Decline; Revival.

SUMÁRIO

Introdução	10
Capítulo 1 – A Literatura de Cordel: Primeiras Impressões	22
1.1 Os folhetos impressos na era republicana.....	22
1.2 “Folhetos-romance” e folhetos de circunstâncias.....	28
1.3 Primeiras impressões, xilogravura e direitos autorais	36
1.4 O leitor/ouvinte.....	39
Capítulo 2 – O declínio da produção cordelista.....	44
2.1. O rádio, a televisão e o declínio da literatura de cordel	44
2.2. Relações entre cultura oficial e cultura popular	50
2.3 Literatura de cordel e Indústria Cultural.....	54
Capítulo 3 – Revitalização da produção cordelista	67
3.1 Rodolfo Coelho Cavalcante e o cordel contemporâneo	67
3.2 O Cordel: arte e ofício	74
3.3 A ABLC e a divulgação de folhetos na Feira de Tradições Nordestinas (RJ)	80
Capítulo 4 – Gonçalo Ferreira da Silva	84
4.1 Aspectos do pioneirismo x contemporaneidade	84
4.2 A literatura de cordel revitalizada	92
4.3 A formação de um público leitor	103
Conclusão	108
Referências Bibliográficas	112

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo principal identificar os fatores que contribuíram para o declínio da literatura de cordel, por volta de 1960, e para sua revitalização, após a década de 1970. Neste trajeto, tentaremos identificar as mudanças pelas quais passaram os folhetos – capa, títulos, temas, redação etc. – com vistas a atingir um público mais amplo e, assim, escapar do desaparecimento. Além disso, buscamos compreender de que modo esse tipo particular de literatura aproxima-se do cotidiano do leitor/ouvinte, tanto na sua fase inicial quanto na contemporaneidade.

Com base nisso, devemos considerar que sempre houve uma distinção entre popular e erudito, justificada, sobretudo, por uma divisão de classes, como se o popular pertencesse aos mais pobres, aos iletrados (embora saibamos que, no Brasil, as elites também foram iletradas por um longo período) e a cultura oficial, pertencente às pessoas bem-postas socialmente, ou seja, os dominantes sociais.

Desta forma, é preciso levar em consideração que, apesar da divisão em grupos, os segmentos de cultura popular e erudita não existem separadamente. Isso não ocorre hoje e também não ocorreu em outros momentos da história, o que leva a crer na possível existência de uma “circularidade” dos níveis de cultura, tendo sempre em mente que por muito tempo se acreditou que somente a cultura das classes dominantes poderia compor uma arte original e genuína, gerando um problema na compreensão desse processo por parte dos estudos históricos, como mostra Carlo Ginzburg em *O queijo e os vermes*:

Os historiadores só se aproximaram muito recentemente – e com certa desconfiança – desses tipos de problema. Isso se deve em parte, sem dúvida nenhuma, à persistência de uma concepção aristocrática de cultura. Com muita frequência ideias ou crenças originais são consideradas, por definição, produtos das classes superiores, e sua difusão entre as classes subalternas um fato mecânico de escasso ou nenhum interesse; como se não bastasse, enfatiza-se presunçosamente a “deterioração”, a “deformação”, que tais ideias ou crenças sofreram durante o processo de transmissão.¹

Sobre a “circularidade” ou a reciprocidade no âmbito da cultura popular, Ginzburg problematiza as concepções presentes nos trabalhos de Mandrou, que num primeiro momento afirmou ser a literatura de cordel uma literatura de evasão, e que suas temáticas eram todas

¹ GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p.12.

fatalistas e incapazes de suscitar em seus leitores uma consciência social e a compreensão da própria condição².

Por outro lado, Ginzburg ainda menciona Bollème que, segundo ele, elaborou uma concepção bastante ingênua ao considerar que a literatura de cordel era uma “forma de expressão autônoma e original permeada por valores religiosos”³, tendo, a partir daí, construído uma linha de pensamento muito estereotipada em torno da cultura popular.

Em contraposição a essas concepções de cultura, o autor sugere que seja levado em consideração o estudo realizado por Bakhtin sobre Rabelais o qual estabelece relações de reciprocidade entre cultura popular e erudita. Guinzburg nos mostra que também para Bakhtin, a compreensão da relação que se estabelece entre cultura popular e erudita passa pela ideia de “circularidade”:

É bem mais frutífera a hipótese formulada por Bakhtin de uma influência recíproca entre a cultura das classes subalternas e a cultura dominante. Mas precisar os modos e os tempos dessa influência significa enfrentar o problema posto pela documentação, que no caso da cultura popular, é, como já dissemos, quase sempre indireta. Até que ponto os eventuais elementos da cultura hegemônica, encontráveis na cultura popular, são frutos de uma aculturação mais ou menos deliberada ou de uma convergência mais ou menos espontânea e não, ao contrário, de uma inconsciente deformação da fonte, obviamente tendendo a conduzir o desconhecido ao conhecido, ao familiar?⁴

Assim, pelo fato de as manifestações artísticas populares representarem uma continuação das histórias contadas de geração em geração, ou seja, por via oral, nelas a memória aparece como um aspecto importante de conservação desta prática de registro. Mais ainda quando se trata da poesia popular ou das narrativas em versos, como a literatura de cordel, que utiliza o esquema de rimas para auxiliar na memorização das narrativas pelo público, e também de figuras como o cantador, ou os próprios poetas que não pertenciam ao segmento “poetas de gabinete”, como veremos oportunamente. Este fenômeno é explicado por Joseph Luyten da seguinte maneira:

A grande razão desse fato é que as sociedades humanas, quando são iletradas, têm como único recurso a memória para guardar aquilo que acharem importante. Daí a tendência de ordenar toda espécie de mensagens em forma poética. O ritmo das frases, as partes finais ou iniciais semelhantes facilitam tremendamente a memorização.⁵

² *Idem*, p. 13.

³ *Idem*, p. 14.

⁴ *Idem*, p. 18.

⁵ LUYTEN, Joseph M. *O que é literatura popular*. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 7-8.

Ao pensarmos nas manifestações artísticas populares, nos conceitos de memória e tradição e também no próprio espaço de difusão da literatura de cordel, não podemos deixar de levar em consideração os aspectos satíricos ou não, herdados da tradição medieval. Esses aspectos estão presentes até mesmo na escolha da praça pública como espaço de circulação dos folhetos (essencialmente na fase inicial), bem como na pessoa do próprio cordelista, às vezes cantador, ou do cantador propriamente dito, como nos mostra Francisco C. A. Marques ao observar as relações entre a sátira no contexto nordestino e a contribuição da visão carnalizada do mundo na elaboração desta literatura:

Cabe salientar que estas tradições trouxeram na memória aspectos da cultura cômica da praça pública medieval, os quais se prestaram muito bem à representação da realidade do sertão. A visão carnalizada do mundo, amalgamada às novas condições climáticas, econômicas e socioculturais, tornar-se-ia mais um elemento na formação do espírito satírico como mecanismo social de resistência, espécie de lentes com que o nordestino passaria a ver e interpretar o mundo e seus acontecimentos. Basta pensarmos nas manifestações culturais do Judas, o pau de sebo, o circo, o Carnaval, as quermesses no adro da igreja, as feiras dominicais realizadas na praça do mercado municipal, e sobretudo, a literatura de cordel.⁶

Com isso, compreendemos que a memória – individual e coletiva – possui um papel muito importante na difusão da literatura de cordel, bem como de outras formas de expressão popular, tendo em mente que tal fenômeno ocorreu não só no Brasil, mas também em países europeus que produziam os “livretos” populares com diferentes denominações: “*littérature de colportage*”, na França; “*pliegos sueltos*” na Espanha e nos países latino-americanos de língua espanhola, e “folhas volantes” ou “literatura de cordel” em Portugal⁷, nome também utilizado no Brasil, mais por uma apropriação que por algo que se justifique, de fato:

Em Portugal e Galícia, porém, tem-se notícias de publicações populares até hoje – quase todas em prosa. É da península ibérica que vem o nome *literatura de cordel*, pois os livretos eram expostos em lugares públicos pendurados sobre barbantes. No Brasil, o costume sempre foi o de se expor os folhetos no chão, sobre as folhas de jornal ou dentro de uma mala aberta. Isso permitia ao vendedor poder evadir-se rapidamente quando aparecia

⁶ MARQUES, Francisco C. A. *Um pau com formigas ou o mundo às avessas: a sátira na poesia popular de Leandro Gomes de Barros*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2014, p. 34.

⁷ As diferentes nomenclaturas e a “universalidade” dessas produções populares são citadas por Ivan Cavalcante Proença, em *A Ideologia do Cordel*: “Esta reconstituição, o seu tanto rápida, de algumas manifestações em países latino-americanos, da literatura de cordel, nos permite mostrar que a inspiração popular que a criou, se não é universal, é muito espalhada; há na França através da *littérature de colportage*; há na Espanha através dos *pliegos sueltos*; há em Portugal, com as “folhas soltas” ou literatura de cordel.[...]”, p. 30.

algum guarda ou fiscal. Mesmo assim os estudiosos persistiram no nome literatura de cordel e, hoje, dificilmente alguém a chama por outro nome.⁸

A aproximação do nosso cordel com a chamada literatura de cordel praticada em Portugal não se justifica somente pelo estabelecimento de uma dependência direta entre um país colonizado e seu colonizador, mas também por uma tentativa de se apropriar de tudo que é branco e europeu, ainda que a literatura de cordel permita que tenhamos acesso aos meandros da existência de aspectos intrinsecamente ligados às culturas populares. Além disso, temos ainda uma preocupação enorme no que se refere às pesquisas realizadas, com o estudo das fontes, o que demonstra que, por vezes, o pesquisador brasileiro esteja mais preocupado em comprovar a relação de dependência com as matrizes ibéricas que tomar como objeto os cordéis propriamente ditos.

Sobre essas amarras comumente presentes no cotidiano dos pesquisadores brasileiros, não podemos deixar de citar o artigo “O entre-lugar no discurso latino-americano”⁹, de Silviano Santiago, no qual ele chama a atenção para os métodos de pesquisa adotados pelos estudiosos de literatura embasados em fontes e influências assentadas na dicotomia “reacionário e conservador”. Tal postura acaba explicando o olhar superior que muitas vezes lançamos às produções populares, haja vista que, muitas vezes, nos colocamos apenas do ponto de vista da cultura erudita, ignorando a ideia de circularidade entre as culturas “alta” e “baixa” anteriormente mencionada.

As produções artístico-populares e conseqüentemente transmitidas pelo concurso da voz enfrentaram desde sempre uma relativa rejeição por parte de uma camada dita mais intelectualizada, principalmente no Brasil, tendo sempre ficado à margem das produções que estudamos, admiramos e principalmente, que julgamos um excelente cartão de visita para a leitura em outros países. Ainda que, apesar de a literatura brasileira contar com nomes consagradíssimos e do mais alto refinamento técnico e estético, a literatura popular, de cordel, por exemplo, tenha encontrado na contemporaneidade leitores de diversos países e pesquisadores estrangeiros que têm dado uma contribuição importante para a compreensão desse fenômeno literário.

Permanece o fato de a literatura de cordel, bem como outras manifestações artísticas ligadas à oralidade, ter ocupado por muito tempo um lugar situado mais à margem, talvez não

⁸ LUYTEN, Joseph. *O que é literatura popular*, op. cit., p. 32-33.

⁹ SANTIAGO, Silviano. “O entre-lugar no discurso latino-americano”, in *Uma literatura nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008, p. 9-26.

por preconceito propriamente dito, mas sim pela sua ligação com um público pouco escolarizado, pobre e não pertencente à classe dominante, quase chegando a deixar de existir aos olhos das elites intelectuais. Mas essas considerações classificatórias que visam conceder ou não o título de literatura a determinadas obras talvez não seja o aspecto mais importante para as discussões apresentadas neste trabalho, mas sim, a função e os efeitos que o cordel exerce sobre seu público desde os primeiros folhetos manuscritos e cantados por poetas-cantadores até as versões impressas na atualidade.

E a partir dessa procura podemos citar *O direito à literatura*, de Antonio Candido, no qual o crítico apresenta algumas considerações acerca dos direitos humanos para pensar a importância da literatura na formação do homem, retomando, para isso, as definições de bens compressíveis e incompressíveis do padre dominicano Louis-Joseph Lebret, definindo em poucas palavras o primeiro como o que apreciamos, mas nos é supérfluo, e o segundo como estritamente necessário.

Do texto de Candido surge a consideração de que os bens incompressíveis não são reduzidos ao que é puramente essencial à sobrevivência, mas também devem garantir “integridade espiritual”. Assim, para esclarecer de que forma se dá a necessidade dos homens em relação à literatura, Antonio Candido nos alerta que neste grande grupo, devem ser consideradas todas as “criações de toque poético, ficcional ou dramático”, tornando possível uma reflexão acerca do papel social exercido pela literatura:

Vista deste modo a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. O sonho assegura durante o sono a presença indispensável deste universo, independente da nossa vontade. E durante a vigília, a criação ficcional ou poética, que é a mola da literatura em todos os seus níveis e modalidades, está presente em cada um de nós, analfabeto ou erudito, como anedota, caso, história em quadrinhos, noticiário policial, canção popular, moda de viola, samba carnavalesco. Ela se manifesta desde o devaneio amoroso ou econômico no ônibus até a atenção fixada na novela de televisão ou leitura seguida de um romance.¹⁰

Com essas informações não quero afirmar – muito menos quis o crítico que retoma isso um pouco adiante – a não existência de juízo de valor a respeito dos textos literários. Ele não só existe, como se verifica em cada processo analítico, como a forma só vem reforçar as

¹⁰ CANDIDO, Antonio. “O direito à literatura”, in *Vários Escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 1988, p. 174-175.

intenções de um escritor na escolha de cada temática. Não diferente do que ocorre na literatura popular, forma e conteúdo se juntam para caracterizar suas obras.

Antonio Candido ainda nos alerta que não podemos ignorar a indiferença existente relativa às formas de criação poética em diferentes níveis e contextos que continuam a contribuir para a fabulação de cada indivíduo, acreditando ser esta tão necessária que o nosso próprio corpo produz, por meio dos sonhos, e que nós mesmos produzimos, por meio da elaboração ou da recepção dos textos literários.

A importância desta fabulação não está numa simples explicação psicanalítica segundo a qual precisamos de momentos de “fuga” para conviver com as realidades duras, seja por meio da literatura ou por meio dos devaneios mais despretensiosos, mas consiste também, segundo assinala Candido, no próprio processo “humanizador” pelo qual todos nós necessitamos passar, por isso faz as seguintes considerações sobre a literatura:

“[...] frui-la é um direito das pessoas de qualquer sociedade, desde o índio que canta as suas proezas de caça ou evoca dançando a lua cheia, até o mais requintado erudito que procura captar com sábias redes os sentidos flutuantes de um poema hermético. Em todos esses casos ocorre humanização e enriquecimento, da personalidade e do grupo, por meio do conhecimento oriundo da expressão submetida a uma ordem redentora da confusão.”¹¹

No que se refere ao direito à literatura, compreendemos então, que ele não só existe, mas se manifesta independentemente do aval de determinados meios que procuram definir ou redefinir o que é bom e o que não é, e mais problemático, o que deve ou não ser lido por conjuntos de pessoas que formam grupos heterogêneos e que se dividem em contextos muito diferentes. Assim, entendemos que as produções culturais não podem ser rotuladas e nem segregadas, até porque não há texto do mais alto requinte que não tenha sido, em algum momento, influenciado por manifestações populares e, portanto, o direito à literatura continua sendo uma necessidade de todos:

Portanto, a luta pelos direitos humanos abrange a luta por um estado de coisas que todos possam ter acesso aos diferentes níveis de cultura. A distinção entre cultura popular e cultura erudita não deve servir para justificar e manter uma separação iníqua, como se do ponto de vista cultural a sociedade fosse dividida em esferas incomunicáveis, dando lugar a dois tipos incomunicáveis de fruidores. Uma sociedade justa pressupõe o respeito

¹¹ *Idem à nota anterior*, p. 180.

dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis e é um direito inalienável.¹²

Feitas as considerações sobre cultura popular e erudita e sobre a importância da difusão das manifestações literárias, outro aspecto muito relevante a ser mencionado é o da presença da oralidade que caracteriza a literatura de cordel, elemento quase indispensável na compreensão das expressões artísticas populares.

Sobre a presença da oralidade, independentemente da época em que os folhetos foram produzidos, ainda é válida a consideração de Paul Zumthor, presente no artigo *A escrita e a voz (de uma literatura popular brasileira)*, segundo a qual a literatura de cordel, apesar de escrita, continua recorrendo a “procedimentos de composição oral” e, conseqüentemente, atraindo o público por meio da audição e da leitura.

Assim, o autor explicita que o folheto de cordel, pelo simples fato de chegar às nossas mãos no formato escrito, já pressupõe uma necessidade de ser lido, embora os índices de oralidade nele presentes quase nos obriguem a lê-los em voz alta, retomando assim, mesmo na contemporaneidade, a figura do cantador, através do qual o indivíduo pouco ou não escolarizado poderia ter acesso aos versos. Desta forma, o “convite à recitação pública” permanece atual e vivo na literatura de cordel e é observado por Paul Zumthor nos seguintes termos:

Escrito, o folheto se oferece à leitura. Mas seu texto está repleto de marcadores que convidam à recitação pública: interpelação dos ouvintes, apóstrofes, exclamações admirativas ou indignadas estão em toda a narrativa. Obrigação estilística? Talvez. De fato e pelo menos no estado atual do seu uso, o folheto tem por vocação a leitura em voz alta, mesmo que solitária.¹³

Para Câmara Cascudo, a noção que a academia sustenta acerca da história da literatura é formada no âmbito escolar, trazendo quase uma obrigatoriedade de que suas ideias tenham se originado nos centros, nos espaços urbanos, enquanto a literatura oral é quase “como se não existisse”. Assim, ele observa que ainda que exista essa literatura oficial com seus diferentes estilos e nomenclaturas, que traz à tona o que conhecemos como “clássicos”, existe uma literatura “sem nome” que sobrevive não somente das fontes (tendo parte considerável nos

¹² *Idem*, p.191.

¹³ ZUMTHOR, Paul. “A escrita e a voz (de uma literatura popular brasileira)”, Trad. Idelette Muzart, in *Plural Pluriel Revue des culture de langue portugaise*. Acesso: http://www.pluralpluriel.org/index.php?option=com_content&view=article&id=478:numero-12-textes-et-documents&catid=36:contes-croniques-poesie&Itemid=57

meios eruditos), mas de um movimento contínuo, suscitado pela imaginação, gerando sempre a sensação de que nós não fomos “iniciados” nas particularidades da literatura oral e continuamos a desconhecer essa “manifestação da cultura coletiva”.¹⁴

Com base na afirmação “a literatura oral é como se não existisse”, de Câmara Cascudo, podemos inferir que a literatura de cordel também operou como instrumento de resistência, em primeiro plano para o poeta popular, que tem em sua produção uma maneira de posicionar-se perante o mundo, mas também para seu público, que por um longo período encontrava-se à margem do oficial, do erudito e também de uma voz com alcance, visto que, nos meios oficiais, só a voz dos dominadores poderia ser ouvida.

Tendo isso em vista, é preciso considerar que a literatura de cordel, em seu pioneirismo, possibilitou não somente a alfabetização de parte considerável de seu público, mas também gerou um processo de identificação e representação de seus ideais e visões de mundo, expressados nas folhas rústicamente impressas por Leandro Gomes de Barros e também na voz dos cantadores que frequentavam a praça pública. Assim, é um equívoco concebermos a literatura de cordel como uma produção apreciada e consumida apenas por analfabetos ou iletrados, não somente pelo fato de o público ser mais amplo e diversificado na contemporaneidade, mas porque esta produção já era estudada por intelectuais como Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade, por exemplo.

Talvez a maior procura pelos folhetos de cordel não se justifique somente pelo fato de o público semiletrado ou analfabeto não compreender os escritos pertencentes à cultura erudita, mas também pelo processo de representação e identificação, tendo em vista que o ato de ouvir ou ler um folheto é muito menos dispendioso, financeiramente e socialmente, que frequentar uma livraria e ter acesso a diferentes formas de produção.

A partir das considerações feitas anteriormente, é preciso ter em mente que uma das principais preocupações deste trabalho é apresentar parte da produção dos poetas populares pioneiros no cordel brasileiro e suas escolhas no que se refere à reescritura de obras eruditas de matriz europeia, além de compreender os diferentes papéis desempenhados pela literatura de cordel, em sua mais rudimentar produção, tanto no passado quanto na contemporaneidade.

Dessa forma, é sabido que para falar sobre a produção cordelista na contemporaneidade, antes de qualquer coisa, é preciso observar de que maneira essa literatura se firmou, como se constituíam os meios de produção, de divulgação, bem como o perfil do público nordestino da era republicana.

¹⁴ CASCUDO, Luís da Câmara. *Literatura Oral no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1984, p. 26-27.

A literatura de cordel, em seu pioneirismo, contou com muitos folhetos que serviam como cartilhas veiculadoras de modelos de conduta para a comunidade, folhetos-romance (narrativas em versos com a presença de elementos mágicos), “folhetos de circunstância” (de caráter jornalístico/informativo), além de diversas críticas (a maioria satíricas) aos poderosos e detentores de terra e dos meios de produção no período elencado. É o que podemos observar na produção do poeta paraibano Leandro Gomes de Barros (1865 – 1918)¹⁵, o principal nome do cordel brasileiro, tendo sua obra reconhecida e admirada ainda hoje pelo público das praças, e também pelos pesquisadores de cultura popular, que continuam ávidos por compreender a difusão de seus folhetos, a manutenção de seu público, bem como a importância social que sua produção cordelista adquiriu ao longo de mais de 100 anos.

Cabe ressaltar que as primeiras produções cordelistas aparecem entre o fim do regime monárquico e a Primeira República. Tais escritos desempenhavam, nas regiões em que foram divulgados, um papel de integração e socialização, visto que a escolaridade formal era quase inexistente no Nordeste de começo do século XX, de modo que os poetas e cantadores que frequentavam as praças públicas eram também agentes propagadores de notícias e de conscientização política e social. Nenhum local seria mais favorável para o esclarecimento do público que as praças e feiras, pela acessibilidade e democratização oferecida.

Os folhetos de cordel produzidos no Brasil são corriqueiramente associados à literatura de cordel ibérica, contudo, eles constituem formas de produção distintas, tendo o cordel brasileiro utilizado basicamente o nome e a opção pelas sextilhas como elementos mais caracterizadores, ainda que algumas temáticas também retomem as produções ibéricas de origem popular e erudita. Vale ressaltar que, ainda hoje, nas feiras e praças públicas, observamos que os folhetos não costumam ser expostos em cordas e barbantes, e sim lado a lado, geralmente no chão ou em espaços expositores que se assemelham a painéis.

É preciso salientar que, ao contrário do poeta popular contemporâneo, frequentador da academia, com uma produção mais elaborada, capaz de dialogar com a cultura erudita e a de massa, o cordelista pioneiro utilizava a literatura de cordel como forma de expressão de sua visão de mundo e a de seus pares, geralmente com pouquíssima instrução e quase nenhuma escolaridade formal, adquirindo hábitos de leitura e escrita com base na leitura de jornais da época e transformando a literatura de cordel do período em um “jornal popular”.

Com base nessas considerações, é possível concluir que o trabalho formal dos folhetos pioneiros não é tão presente, essencialmente na forma, já que é possível observar muitas

¹⁵ Poeta paraibano nascido na cidade de Pombal em 1918. É considerado o maior de todos os poetas de cordel. Biografia disponível no site: http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/leandro_biografia.html

repetições de palavras, algumas inclusive com papel ideológico, como nos folhetos sobre a emancipação feminina, nos quais Leandro Gomes de Barros utiliza à exaustão a expressão “meretriz” para se referir às mulheres que aderem à moda e aos novos hábitos.

A literatura de cordel da Primeira República apresentava temáticas muito localistas, esquemas e clichês que ainda são repetidos hoje, mas em menor intensidade. É importante sinalizar que, embora o cordel pioneiro tenha sido reconhecido e bem assimilado por um considerável público leitor/ouvinte (no ato individual da leitura do folheto ou no coletivo recebendo-o por meio do cantador nas praças públicas) servia a determinado segmento social e não suscitava a curiosidade e o interesse de um público mais urbano e diversificado.

O cordel brasileiro, então, atravessou uma fase de declínio na década de 1960, contudo, quando pensamos nisso, não devemos acreditar que a produção cessou (porque isso nunca ocorreu), e sim, que a literatura de cordel deixou de florescer, contando com poucos poetas populares reconhecidos e correndo o risco de cair no esquecimento. Não por acaso, a literatura de cordel caiu em declínio com a popularização dos novos meios de comunicação, inicialmente no Nordeste, como o rádio, a televisão, além de outras formas de entretenimento como a fotonovela, a radionovela e posteriormente, a telenovela.

Com base nessas informações podemos concluir que o público leitor/ouvinte era atraído também pela satisfação de sua necessidade de ficção, além de se sentir representado pela voz do poeta popular. Com a ampla difusão das novelas, a literatura popular acabou perdendo espaço e a cultura de massa foi ganhando um público mais amplo e diversificado no Brasil, haja vista que oferecia entretenimento rápido, simples e de fácil acesso.

Diante da ameaça dos meios de comunicação de massa, alguns poetas populares atentaram para a necessidade de retomar essa produção e fazer com que o público voltasse a se interessar pela literatura de folhetos. Desta forma, os cordelistas passaram a empregar temáticas mais diversificadas, melhor elaboração e novos métodos de divulgação, sempre tendo em vista não só a conservação da literatura de cordel com vistas a manter a tradição, mas também o próprio sustento, haja vista que boa parte dos cordelistas vive deste ofício.

Com base na ideia de que a literatura de cordel também era produzida com a intenção de obter lucro ou sustento, utilizamos o conceito de Indústria Cultural, elaborado por Adorno e Horkheimer, também chamado de “cultura de massa” por outros teóricos, como um dos recursos que ajudaram a constituir o novo cordel brasileiro, sempre tendo em vista que hoje há interpretações diferentes acerca da cultura de massa, que não permitem que ainda analisemos essas relações com a mesma régua utilizada por Adorno, que desprezava até mesmo a arte como meio de obtenção de prazer (embora tenhamos sempre em mente o

pessimismo do crítico, e compreendamos o contexto histórico no qual sua produção foi inserida), como nos mostra Jesús Martín-Barbero:

Sabemos que a crítica ao prazer tem razões não só estéticas. Os populismos, fascistas ou não, têm predicado sempre as excelências do realismo e têm exigido dos artistas obras que transpareçam os significados e que se conectem diretamente com a sensibilidade popular. Mas a crítica de Adorno, falando disso, aponta, contudo, para outro lado. Cheira demais a um aristocratismo cultural que se nega a aceitar a existência de uma pluralidade de experiências estéticas, uma pluralidade dos modos de fazer e usar socialmente a arte. Estamos diante de uma teoria da cultura que não só faz da arte seu único verdadeiro paradigma, mas também que o identifica com seu conceito: um “conceito unitário” que relega a simples e alienante diversão qualquer tipo de prática ou uso da arte que não possa ser derivado daquele conceito, e que acaba fazendo da arte o único lugar de acesso à verdade da sociedade.¹⁶

Com base nos aspectos levantados envolvendo o processo de criação, reprodução e comercialização da literatura de cordel, um caminho entre o cordel pioneiro e contemporâneo pode trazer explicações acerca dos processos pelos quais passou esse tipo particular de literatura ao longo de mais de 100 anos de produção e uma melhor compreensão de como ela se configura nos dias atuais.

Para isso é importante comentar as primeiras impressões sobre a literatura de cordel da Primeira República, bem como situá-la em seu contexto histórico, além de falar de elementos adjacentes como a xilogravura e também dos elementos mais concretos dos bastidores do cordel brasileiro, que aparecem na figura dos cantadores, dos agentes de revenda e etc.

No segundo capítulo, bem como pode se organizar cronologicamente, o enfoque é no declínio sofrido pela literatura de cordel, bem como nas influências que os meios de comunicação de massa tiveram sobre este fenômeno, acarretando melhor organização dos poetas e mudanças na própria produção cordelista.

Sobre a revitalização do cordel, o terceiro capítulo vem comentar a importância de Rodolfo Coelho Cavalcante, da ABLC e da Feira de Tradições Nordestinas (RJ), sem esquecer do cordel como arte que proporciona autossuficiência para seus artistas, apesar de viver no imaginário popular que o trabalho artístico deve se distanciar do lucro.

¹⁶ MARTÍN-BARBERO, Jesús, *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Trad. Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009, p. 78.

O que nos leva aos cordéis de Gonçalo Ferreira da Silva¹⁷ que executa com precisão ímpar as modificações necessárias à literatura de cordel contemporânea e traz a tão sonhada revitalização e o estabelecimento de fato dessa forma de expressão artística popular que permanece mais viva do que nunca em sua figura e na de outros poetas contemporâneos, que situam o cordel brasileiro (o único que ainda vive em todo o mundo) em local de destaque nacional e internacionalmente.

¹⁷ Poeta popular cearense, nascido na cidade de Ipu, mas morador da cidade do Rio de Janeiro desde os 14 anos. É o que informa a sua breve biografia disponível no site: www.casaruibarbosa.gov.br

CONCLUSÃO

Neste trabalho procuramos apresentar rapidamente alguns fatores responsáveis pelo surgimento da literatura de cordel no Nordeste brasileiro bem como esboçar algumas considerações acerca de seu principal expoente, Leandro Gomes de Barros. Os primeiros folhetos analisados nesta pesquisa foram produzidos no contexto da Primeira República, regime que acabou oferecendo muitos temas para a elaboração de folhetos satíricos e de crítica social e sátira, que não só nos renderam boas narrativas, mas também propiciaram informação às camadas mais interioranas no período.

A Primeira República, como foi dito anteriormente, nasce como um movimento de elite, sem participação popular e que somente foi “engolido” pela sociedade da época por meio das assimilações dos símbolos, como constatou José Murilo de Carvalho em *A formação das almas*.

Leandro, então, possibilitou que uma parcela considerável da população nordestina ficasse informada dos “desmandos” cometidos pelos políticos na antiga capital, além de brincar seu público (mais leitor que ouvinte) com os folhetos satíricos que informam, rechaçam e suscitam o riso e talvez tenha sido esse o chamariz inicial da literatura de cordel, mas é bastante reducionista pensar que esse tenha sido o único fator responsável pela manutenção do público.

A literatura de cordel não descobriu as suas funções na contemporaneidade, ao contrário, ela já possuía um importante papel social porque informava, formava, alfabetizava, agregava e mais que isso, permitia ao homem comum, do início do século passado, o contato com elementos romanescos, capazes de entretê-lo e conscientizá-lo por meio da ficção e dos aspectos profundos presentes em sua própria realidade.

Vale ressaltar que o cordel também recebeu no passado influências da cultura erudita e também já existia preocupação com a comercialização dos folhetos e conseqüentemente, preocupação em agradar ao público, embora isso tenha ocorrido de maneira mais discreta que na contemporaneidade (ainda que as capas e contracapas estampassem locais de venda, agentes de venda etc.).

Mas a modificação que mais salta aos olhos é a “perda” da oralidade em seu processo de difusão atual, sem ao mesmo tempo, perder contato com a oralidade, já que a literatura de cordel continua sendo oralizada em sua estrutura e os poetas atuais ainda continuam a cultivar as sonoridades, as rimas, as repetições e os ritmos, embora o público atual seja mais leitor que ouvinte.

O fator oralidade talvez seja a aproximação mais estreita com a tradição que todo cordelista procura e/ou quer manter, ainda que a reescritura de histórias, o reaproveitamento de grandes figuras e a manutenção de antigas formas como ABCs e pelejas também evidenciem isso.

Por um determinado período, pesquisadores e até poetas alimentaram o medo de que a literatura de cordel pudesse cair no ostracismo. Contudo, essa preocupação, justificada no processo de declínio talvez devesse estar mais relacionada ao receio de que essa produção começasse a se repetir, já que o cordel, desde as primeiras aparições, sempre foi vocacionado para o novo.

Já era quando os poetas pioneiros trocaram o papel pardo de má qualidade pelo papelzinho colorido que conhecemos hoje, as capas estampadas com clichês por xilogravura – que hoje constitui arte autêntica e independente – e também quando os cordelistas contemporâneos precisam sair de sua terra natal, como é o caso de Gonçalves, para tentar a vida nas capitais do Sudeste brasileiro, recorrendo à poesia de cordel para preservar um pouco da velha tradição na nova casa, mas sem sentir-se preso a um cordão umbilical que rotulava a sua poesia de localista, regionalizada.

Das modificações acima mencionadas nasceu o trânsito intenso entre cultura erudita, cultura popular e Indústria Cultural, que ainda podem ser vistas com certo desdém ou receio por parte dos mais puristas, mas o certo é que este fenômeno culminou na revitalização do cordel brasileiro, o único no mundo que ainda vive, já que nos países europeus e na América Latina já caíram no ostracismo.

Poetas como Gonçalves trouxeram para o cordel a possibilidade de ter a sua produção revitalizada, mas também expandida, por meio da divulgação e da implantação de cordelotecas em diversos países, além do recurso de folhetos traduzidos para o inglês, francês, espanhol e até mesmo japonês, o que explica o interesse dado ao cordel brasileiro em países estrangeiros, que muitas vezes parece mais consistente que o dado aqui no Brasil, pelas camadas mais utilizadas.

Isso ocorre porque ainda temos universidades e pesquisadores que sustentam uma concepção aristocrática de cultura, embora isso tenha começado a se modificar recentemente, talvez pelo cordel de ser escrito atualmente por poetas pertencentes a contextos eruditos, mas que dificilmente abandonam o popular porque este vive no seio da tradição e é a necessidade dessa retomada que os leva a enveredar pelos caminhos como poeta popular.

O público do cordel contemporâneo conta com muitos universitários e pesquisadores, mas continua a existir o público da feira que tem o apreço pelo cordel dividido com os

elementos acachapantes dos meios de comunicação, e que encontra nos folhetos uma leitura rápida que o diverte, mas que também diz o que a mídia e formas de expressão de massa não dizem.

O folheto chega ao homem comum, na Feira de São Cristóvão, por exemplo, como uma opção diferente de entretenimento e reflexão, o que é explicado nos folhetos-notícia e nos folhetos de circunstância, muito comuns à produção de Gonçalo, que continuam a interessar o público, embora a notícia no momento de sua reescritura já ter ficado “velha”.

Além disso, não é difícil encontrar cordéis disponibilizados em meio digital, trazendo ainda mais alcance para a literatura de cordel contemporânea e também a possibilidade de um grande público ter conhecimento dos folhetos notáveis escritos por grandes poetas pioneiros como Leandro Gomes de Barros, João Martins de Athayde e outros.

A partir dessas considerações e da abordagem dos folhetos escritos pelos poetas que nortearam o presente trabalho (Leandro Gomes de Barros, Rodolfo Coelho Cavalcante e por fim Gonçalo Ferreira da Silva) entendemos que o cordel brasileiro – o único que felizmente ainda vive – reformulou-se para que não caísse no esquecimento e em cada um dos momentos contou com bons poetas responsáveis por trazer às diferentes gerações referências fortes da cultura popular que permanecem vivas em nosso cotidiano, apesar de todos os problemas atravessados no decorrer de sua história:

[...] Apesar da tentativa de asfixiamento que sofre por grande parte da indústria de comunicação de massas, apesar das dificuldades econômicas de toda ordem, apesar, ainda, do esforço deformador sobre ele exercido por artistas e intelectuais equivocados, o Cordel não perdeu a sua função social. Numa terra onde a voz popular não tem acesso aos veículos de comunicação mais sofisticados, o folheto continua a ser (e ainda será por longo tempo) um dos únicos meios de expressão e comunicação do pensamento vivo e dinâmico das camadas mais pobres de nossa gente. [...] Ele não morrerá.”¹³⁰

A literatura de cordel, então, continua produzindo folhetos interessantíssimos, narrativas sobre grandes heróis, bandidos, espertalhões, malandros, princesas, personalidades famosas, lendas brasileiras, e uma variedade enorme de assuntos capazes de interessar a diferentes grupos que conheceram o cordel em contextos diversificados: pela lembrança da infância, na escola, na universidade, e até nas referências a ela presente nas telenovelas.

Os leitores seguem apreciando o jeito particular de observar o mundo proposto pelo universo popular e apesar dos receios fundamentados de que esta produção um dia poderia cessar, o cordel brasileiro permanece tão vivo quanto antes nas histórias de poetas

¹³⁰ BARROSO, Oswald; CARIRY, Rosemberg. *Cultura insubmissa*, op. cit., p. 104.

competentes que seguem conferindo ao cordel qualidades atemporais que dificultam que seus mais de cem anos culminem em ostracismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. “A indústria cultural: o Iluminismo como mistificação de massa”. In: LIMA, Luiz Costa. *Teoria da Cultura de Massa*. 8^a ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. *A invenção do nordeste e outras artes*. 5^a ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- AMORIM, Maria Alice. *Literatura de cordel: tradição e contemporaneidade*. Recife: Editora Folha de Pernambuco, 2010.
- BARROSO, Oswald; CARIRY, Rosemberg. *Cultura insubmissa: estudos e reportagens*. Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto, 1982.
- BELTRÃO, Luiz. *Comunicação e folclore: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação e expressão de ideias*. São Paulo: Melhoramentos, 1971.
- BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- BOSI, Ecléa. *Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias*. Petrópolis: Vozes, 1981.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Publifolha (Grandes nomes do pensamento brasileiro), 2000.
- CANDIDO, Antonio. “O direito à literatura”. In: *Vários Escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 1988.
- CARVALHO, José Murilo. *A formação das almas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Literatura Oral no Brasil*. 3 ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1984.
- CURRAN, Mark. *A presença de Rodolfo Coelho Cavalcante na moderna literatura de cordel*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/ Fundação Casa de Rui Barbosa, 1987.
- CURRAN, Mark. *Retrato do Brasil em cordel*. Cotia, SP: Ateliê, 2011.
- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *Cordel: leitores e ouvintes*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- GASPAR, Lúcia. “Great Western” in *Pesquisa Escolar Online*. Fundação Joaquim Nabuco: Recife. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar>. Acesso em 08 de dezembro de 2015.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. Trad. Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GRILLO, Maria Ângela de Faria. “Evas ou Marias? As mulheres na literatura de cordel (1900-1940)”. In: *Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero – 7*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2006, v.1.

LUYTEN, Joseph M. *A literatura de cordel em São Paulo: Saudosismo e Agressividade*. São Paulo: Edições Loyola, 1981.

LUYTEN, Joseph M. *A notícia na literatura de cordel*. São Paulo: Estação Liberdade, 1992.

LUYTEN, Joseph M. *O que é literatura popular*. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

MARQUES, Francisco Cláudio A. *Um pau com formigas ou o mundo às avessas: a sátira na poesia popular de Leandro Gomes de Barros*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2014.

MARTIN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Trad. Ronald Polito e Sérgio Alcides. 6ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

NOBRE, Francisco Silva. *Um cearense chamado Gonçalo*. Rio de Janeiro: Milart, 2002.

PELOSO, Silvano. *O canto e a memória: História e Utopia no Imaginário Popular Brasileiro*. Trad. Sonia Netto Salomão. São Paulo: Ática, 1996.

PROENÇA, Ivan Cavalcante. *A ideologia do cordel*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Plurarte, 1982.

ROCHA, Juliana. Pandemia de gripe de 1918. In *Invivo Fiocruz*. Acesso em 08 de dezembro de 2015. Disponível em: <http://www.invivo.fiocruz.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inford=815&sid=7>.

SANTIAGO, Silviano. “O entre-lugar no discurso latino-americano”. In: *Uma literatura nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

SILVA, Antonio Pádua Dias. “Representação do masculino no imaginário do cordel”. In: *Revista Investigações*. 2006. Vol. 19. Disponível em: <http://www.repositorios.ufpe.br/revistas/index.php/INV/article/view/1429>. Acesso em: 29 de dezembro de 2014.

SLATER, Candace. *A vida no barbante: a literatura de cordel no Brasil*. Trad. Octavio Alves Velho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições do Graal, 1977.

TERRA, Ruth Brito Lêmos. *Memórias de Lutas: literatura de folhetos do Nordeste*. São Paulo: Global, 1983.

ZUMTHOR, Paul. “A escrita e a voz (de uma literatura popular brasileira)”. Trad. Idelette Muzart. In *Plural Pluriel Revue des culture de langue portugaise*. Acesso: http://www.pluralpluriel.org/index.php?option=com_content&view=article&id=478:numero-12-textes-et-documents&catid=36:contes-croniques-poesie&Itemid=57

ZUMTHOR, Paul. *Introdução à poesia oral*. Trad. Jerusa Pires Ferreira; Maria Lúcia Diniz Pochat; Maria Inês de Almeida. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

Folhetos consultados:

ATHAYDE, João Martins de. “A História da Princesa do Reino da Pedra Fina”. In: *Cem Cordéis Históricos Segundo a Academia Brasileira de Literatura de Cordel*. Mossoró: Queima-Bucha, 2008.

BARROS, Leandro Gomes de. *A Alemanha vencida/Vitória dos Aliados/A influenza espanhola*. Guarabira: Editor Pedro Batista, 1918. Acesso em 08 de dezembro de 2015. Disponível em: <http://www.casaruiarbosa.gov.br/cordel/leandro.html>

BARROS, Leandro Gomes de. “A História de Roberto do Diabo”. In: *Cem Cordéis Históricos Segundo a Academia Brasileira de Literatura de Cordel*. Mossoró: Queima-Bucha, 2008.

BARROS, Leandro Gomes de. *A mulher e o imposto. Recife*: Tipografia Moderna, s. d. Acesso em 08 de dezembro de 2015. Disponível em: <http://www.casaruiarbosa.gov.br/cordel/leandro.html>

BARROS, Leandro Gomes de. *As consequências do casamento*. Recife: s.Ed., 1910. Acesso em 08 de dezembro de 2015. Disponível em: <http://www.casaruiarbosa.gov.br/cordel/leandro.html>

BARROS, Leandro Gomes de. *O povo na cruz*. Recife: s. ed., 1908. Acesso em 08 de dezembro de 2015. Disponível em: <http://www.casaruiarbosa.gov.br/cordel/leandro.html>

BARROS, Leandro Gomes de. *O bataclan moderno*. Juazeiro do Norte: Editor José Bernardo da Silva, 1953. Acesso em 08 de dezembro de 2015. Disponível em: <http://www.casaruiarbosa.gov.br/cordel/leandro.html>

BARROS, Leandro Gomes de. *Um pau com formigas*. Recife: s. ed., 1912. Acesso em 08 de dezembro de 2015. Disponível em: <http://www.casaruiarbosa.gov.br/cordel/leandro.html>

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. *ABC de Chico Xavier*. Salvador: s. Ed., 1972. Acesso em 08 de dezembro de 2015. Disponível em: http://www.casaruiarbosa.gov.br/cordel/RodolfoCoelho/rodolfoCoelho_acervo.html

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. *A chegada de Lampião no céu*. São Paulo: Luzeiro, 1959. Acesso em 08 de dezembro de 2015. Disponível em: http://www.casaruiarbosa.gov.br/cordel/RodolfoCoelho/rodolfoCoelho_acervo.html

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. *Alcoolismo: o maior inimigo do homem*. S. L.: s.Ed, 1985. Acesso em 08 de dezembro de 2015. Disponível em: http://www.casaruiarbosa.gov.br/cordel/RodolfoCoelho/rodolfoCoelho_acervo.html

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. *O barulho de Lampião no inferno*. Salvador: R. Coelho Cavalcante, 1973. Disponível em: http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/RodolfoCoelho/rodolfoCoelho_acervo.html

LIMA, Stélio Torquato. *Obras-primas universais em cordel*. Mossoró: Queima-Bucha, s.d.

SILVA, Gonçalo Ferreira da. *Adeus, Drummond*. Rio de Janeiro: ABLC, 1987. Acesso em 08 de dezembro de 2015. Disponível em: http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/GoncaloFerreira/goncaloFerreira_acervo.html

SILVA, Gonçalo Ferreira da. *A incrível traição da mulher do Ricardão*. Rio de Janeiro: ABLC, s.d. Acesso em 08 de dezembro de 2015. Disponível em: http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/GoncaloFerreira/goncaloFerreira_acervo.html

SILVA, Gonçalo Ferreira da. *Briga do Bispo Macedo com o Diabo*. 3 ed. Rio de Janeiro: ABLC, 2008.

SILVA, Gonçalo Ferreira da. *Discussão do crente com o macumbeiro*. 4 ed. Rio de Janeiro: ABLC, 2001. Acesso em 08 de dezembro de 2015. Disponível em: http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/GoncaloFerreira/goncaloFerreira_acervo.html

SILVA, Gonçalo Ferreira da. *Discussão de Zé do Tabaco com Doutor Saúde*. Rio de Janeiro: ABLC, 2000. Acesso em 08 de dezembro de 2015. Disponível em: http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/GoncaloFerreira/goncaloFerreira_acervo.html

SILVA, Gonçalo Ferreira da. *Encontro de Cancão de Fogo com João Grilo*. Rio de Janeiro: ABLC, 2000. Acesso em 08 de dezembro de 2015. Disponível em: http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/GoncaloFerreira/goncaloFerreira_acervo.html

SILVA, Gonçalo Ferreira da. *História do Computador*. Rio de Janeiro: ABLC, 2007.

SILVA, Gonçalo Ferreira da. *Meninos de rua e a chacina da Candelária*. 2 ed. Rio de Janeiro: ABLC, 2005. Acesso em 08 de dezembro de 2015. Disponível em: http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/GoncaloFerreira/goncaloFerreira_acervo.html

SILVA, Gonçalo Ferreira da. *O massacre do Eldorado de Carajás*. Rio de Janeiro: ABLC, s.d. Acesso em 08 de dezembro de 2015. Disponível em: http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/GoncaloFerreira/goncaloFerreira_acervo.html

SILVA, Gonçalo Ferreira da. *O perigo alado*. Rio de Janeiro: ABLC, s.d. Acesso em 08 de dezembro de 2015. Disponível em: http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/GoncaloFerreira/goncaloFerreira_acervo.html

SILVA, Gonçalo Ferreira da. *Terra: o nosso planeta pede socorro*. Rio de Janeiro: ABLC, 2001. Acesso em 08 de dezembro de 2015. Disponível em: http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/GoncaloFerreira/goncaloFerreira_acervo.html